



Universidade Federal de Santa Catarina
Centro Tecnológico
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo
Disciplina de Idéia, método e linguagem

“ENTREVISTA PROFISSIONAL”
ESTUDOS DE IDÉIA, MÉTODO E LINGUAGEM

Discente:
Arq. Marcos Marques Duarte

Docente:
Sonia Afonso, Dra

Florianópolis, Junho de 2002

Um modo de pensar arquitetura.

O que é arquitetura afinal? Seriam apenas as obras de grande porte, como museus, centros culturais ou universidades? Ou cabem na definição do termo os pequenos hotéis, as lojas, as academias de ginástica? A palavra arquiteto vem do grego *Archi*, que significa chefe, e *Tékton*, construtor. Arquitetura seria, então, a obra do chefe construtor. Nada tão glamoroso quanto Le Corbusier, que acreditava que arquitetura, com “A” maiúsculo, é uma experiência estética e emocional, e mais de acordo com a teoria de que construção+arte = arquitetura.

O dualismo entre arte e função esquentaria o debate, porém é curioso pensar na abrangência de um conceito e na polêmica que provoca. As pequenas cabanas com tetos de palha típicas da África, ou as casas feitas de papel de arroz no Japão são consideradas arquitetura em seus países. O palácio de Cristal, quando foi construído, em 1951, em Londres, não foi qualificado como arquitetura, mas sim “obra de engenharia”. Se somarmos os dados levantados pela discussão “o que é arquitetura?” (muito bem retratada em um artigo no site www.geocities.com/rec7c/architecture2) ao fato de que é a arquitetura que providencia o cenário de nossas vidas, e que construções são mais do que apenas espaços físicos, podemos considerar que o termo arquitetura abrange toda construção, toda interferência do ser arquiteto no espaço físico, seja ele externo, em obras de porte monumental, com maior ou menor impacto ambiental, seja nos espaços internos, que hoje se convencionou chamar de arquitetura de interiores, modificados e adaptados aos diferentes rituais sociais a que se destinam.(Clarissa Schneider, vogue, 2001).

Walter Gropius escreveu na década de 20, “*Daremos vida, todos juntos, à nova construção do futuro, na qual arquitetura, escultura e pintura serão destinadas a fundir-se*”. O futuro chegou, e com ele uma arquitetura que ainda hoje se utiliza de elementos e técnicas do passado, mas também de janelas com grandes áreas envidraçadas e salas com pouco mobiliário, “*criado para ser simples e econômico*”, conforme previu Marcel Breuer.

Mas a arquitetura do século 21 apóia-se em bases que, na primeira metade do século 20, ainda pareciam ficção saídas das páginas de Julio Verne: ecologia e tecnologia. O complexo debate de como será a arquitetura do novo milênio aponta para o uso de novos materiais, de novas energias, o aproveitamento inteligente do espaço e, principalmente, para a performance ecológica de um edifício. Nada será supérfluo ou descartável e desperdiçado. Economia será a palavra-chave? *“O que irá refletir serão os projetos que produzem paradigmas da perfeição tecnológica”*, afirmou Martin Pawley, no livro *Terminal Architecture*. Os primeiros ecos dessa nova consciência arquitetônica começam a ser ouvidos no Brasil, em obras que conjugam design, materiais, inteligência e alta tecnologia.

O impacto visual da arquitetura neste final de século marca grandes obras e arquitetos internacionais. Na história espanhola, por exemplo, a cidade de Bilbao surge com o Guggenheim Bilbao, uma obra polêmica do arquiteto desconstrutivista canadense Frank O. Gehry. Construído como um conjunto de volumes horizontais e verticais em titânio, vidro e pedra calcária, o novo museu retrata uma explosão de linhas e formas em torno de um átrio de 50 metros de altura, às margens do Rio Nervión. A combinação arrojada de formas e materiais e suas qualidades esculturais são influenciadas pelo construtivismo russo e pelo arquiteto Frank Lloyd Wright, ao dar elegância às formas desordenadas, forma-se então uma coletânea de idéias e soluções que revela um caminho, determina certos estilos e marca a utilização da tecnologia e materiais contemporâneos.

Por outro lado, e não menos importante, devemos resgatar o lado simbólico da arquitetura, que retrata a integração entre pessoas, ambientes e paisagem. Em recente entrevista ao jornal *O globo*, Oscar Niemeyer lembra que arquitetura é poesia e que o espaço que existe entre uma obra e outra é que dá o ritmo às cidades: *“O espaço existe e ele é fundamental. Um arquiteto, quando olha o papel, tem de ver aquilo construído. Por isso, desenho sempre um homenzinho na escala do projeto. O que faz uma arquitetura diferente da outra são as solicitações da natureza”*. Uma vez li Rilke falando dos arvoredos. Ele dizia algo assim: as árvores são bonitas vistas de longe; mais bonito é o espaço entre elas.

Justificativa: a escolha do arquiteto.

Desde que nasci, sempre quis cursar e fazer arquitetura, tinha facilidade com desenhos, montagens de brinquedos e admiração por paisagens. Porém ainda adolescente e cursando o segundo grau, conheci uma grande pessoa que tenho como um grande amigo até os dias de hoje, com a convivência dia a dia, dada pelas circunstâncias estudantis, começamos a freqüentar a casa um do outro, mal sabia eu estar na residência de um arquiteto. O ano era de 1991 quando tive o primeiro contato com a Arq. Rosalia Fresteiro, uma pessoa que chamava atenção pela liberdade com que nos educava, uma pessoa amigável, que no ano de 1993, com então o segundo grau concluído, me convidou para ministrar uma palestra sobre formação profissional destinada aos alunos interessados em arquitetura, e desde esses tempos gloriosos formamos uma amizade de admiração pessoal e profissional, que se reflete na liberdade com que nos relacionamos atualmente.

Obtive da arquiteta o apoio com o vestibular para arquitetura, e posteriormente o ingresso na universidade. Em 1996 tive o imenso prazer de estar em uma sala de aula ouvindo seus conhecimentos sobre conforto ambiental, e durante o curso ainda tive ensinamentos em outras diversas disciplinas. Mais tarde, enquanto eu ainda cursava a universidade, a arquiteta estava de malas prontas para Madrid-espanha, onde iria dar continuidade aos seus estudos através do doutorado na área de iluminação.

Alguns anos se passaram, e hoje durante meu curso de mestrado na UFSC, em arquitetura e urbanismo, estudando a disciplina de idéia, método e linguagem, surgiram questões relacionadas ao tema da matéria acima citada, ocasionando em uma entrevista, para obter informações de um profissional do ramo na devida área estudada, foi quando tive a oportunidade de agradecer a Arq. Rosalia tudo o que a mim foi conferido e ensinado, não imaginava outro profissional que melhor pudesse relatar minha história de vida e arquitetura. O resultado é este, um trabalho realizado com certas dificuldades de comunicação, devido à agenda de compromissos da arquiteta, porém esta entrevista nos relata um pouco de sua vida, dedicada ao ensino e à prática da arquitetura.

A entrevista:

Marcos 1- Qual seu nome, que universidade se deu sua formação e quantos anos de atividade profissional você tem? Quais as áreas você mais atua profissionalmente e em quais cidades estão seus projetos?

Sou Rosalia H. Fresteiro, me formei na FAU da UFRGS, em 1971. Atualmente não atuo no mercado, dedicando-me exclusivamente ao ensino de arquitetura. Meus principais projetos encontram-se na cidade de Rio Grande - RS, onde fiz inúmeros edifícios, residências, o Campus Universitario da FURG – (Fundação Universidade do Rio Grande), Hospital Universitário, entre outros projetos da Universidade. Atualmente estou atuando no escritório Modelo da Escola de Arquitetura da UCPEL – (Universidade Católica de Pelotas), desenvolvendo projetos de prédios acadêmicos, bem como do Hospital Universitário. Fui contratada recentemente para projetar o Campus Universitário da Universidade de São Roque, em São Paulo, com a característica de uma arquitetura bioclimática, auto-sustentável, coordenando um curso de Arquitetura da linha antroposófica.

Marcos 2- Como você define a idéia na concepção criativa, como ela se manifesta? Como acontece o surgimento da primeira idéia? Existe alguma atividade que estimule sua criatividade para este surgimento, tais como; através de palavras e ou imagens?

Para mim, a criação se manifesta de uma maneira espontânea, segundo as necessidades do cliente, e as limitações que são impostas ao projeto. Costumo estimular a criatividade através de imagens, buscando em revistas e periódicos alguns elementos inspiradores, alguns que direcionarão o partido geral.

Marcos 3- Quais os procedimentos relacionados a seguir ajudam na formulação da idéia, que estimula o processo criativo?...programa de necessidades, levantamento topográfico, normas dos órgãos públicos e necessidades e desejos do cliente?

O projeto projetual, a meu ver, tem tudo a ver com a reconsideração do sistema de crenças e os princípios tradicionais relacionados a um determinismo arquitetônico que pressupõe que o ambiente físico é o principal determinante do comportamento social. Essa relutância de alguns arquitetos pode ser superada quando a arquitetura for considerada um fechamento cultural, e não apenas um fechamento físico.

O conhecimento adquirido ao longo de minha vida é o resultado da trajetória de alguém que acredita que o arquiteto deve abandonar sua pretensão de Criador de edifícios e ambientes para um homem ideal (abstrato) para se tornar Intérprete dos sonhos dos cidadãos, contribuindo para produzir ambientes onde as pessoas possam viver e trabalhar com mais prazer e bem estar.

Portanto, creio que o procedimento que mais direciona meus projetos é a compreensão e aceitação da riqueza dos múltiplos valores dos usuários dos edifícios, descortinando novos horizontes para a compreensão do ambiente construído, compartilhando sentimentos e desejos com estes usuários.

***Marcos 4-** As primeiras idéias transpostas no papel, surgem em escala? Qual? De que forma são desenhados (fluxos externos, fluxos internos) croquis, régua ou mão livre em planta?*

As primeiras idéias surgem no papel, sem escala, em forma de croquis a mão livre. Depois, são aperfeiçoadas com o acréscimo de escala, já localizando o partido geral no terreno, para adaptação às condições do clima.

***Marcos 5-** Partindo da definição de método (cujo, são tentativas de exteriorizar o processo de projeto) segundo Christopher Jones; descreva rapidamente o seu método de desenvolvimento de projeto arquitetônico? Você adapta esta metodologia conforme circunstâncias, clientes? Dado o projeto, esta organização do trabalho já esta pré-definida ou surge espontaneamente a cada etapa do desenvolvimento do projeto arquitetônico?*

Como enfatizei antes, o determinante do projeto é o desejo e a necessidade do cliente, definindo o programa de necessidades. Depois, o dimensionamento se definirá de acordo com esse desejo, os determinantes legais e econômicos. Claro que essa organização não é rígida, nem pré-definida, e com surge quase que espontaneamente, adaptando-se às características de cada cliente.

***Marcos 6-** Seu método de projeto inclui a elaboração de modelos para a verificação de insolação, volumetria e ou detalhes?*

Dependendo do projeto, usei bastante as maquetes, para estudo da volumetria. Sempre tive muito presente o problema não só de insolação, mas de aproveitamento das condições naturais do clima, como ventilação e iluminação natural.

Atualmente, com a facilidade das maquetes eletrônicas, esse processo se tornou mais fácil, inclusive com programas específicos, tanto para testar volumetrias, como simulações de ventilação e iluminação natural.

***Marcos 7-** Na sua opinião, qual a importância de se pensar sobre o método de desenvolvimento do projeto arquitetônico e como isto pode auxiliar na formação de futuros arquitetos?*

A meu ver, um curso de Arquitetura deveria ser capaz de formar um profissional com capacidade para concepção e desenvolvimento de projetos de arquitetura e urbanismo inseridos num âmbito social, político e econômico, dentro de um contexto regional. Este arquiteto deverá ter habilidade na organização do espaço vivido pelo homem de forma individual ou coletiva numa relação dialética entre espaço/forma/função, contemplando aspectos históricos, estéticos e tecnológicos. Deverá ter capacidade de desenvolvimento metodológico e coordenação projetual, como base da formulação e elaboração de propostas em diferentes escalas espaciais. Deverá ainda ter capacidade de fazer do ato projetual instrumento da melhoria das relações humanas, comprometido com o ser dotado de identidade, inteligência, razão e afeto.

Para que este perfil seja alcançado em sua plenitude faz-se necessário um currículo especial, diferente do tradicional, que incorre no grande erro da fragmentação do conhecimento. Esta fragmentação do agir e do pensar na educação é parte de interesses ocultos de uma organização social que continua a promover alguns em detrimento de outros, ou seja, impede que o aluno possua uma visão “geral” do sujeito Arquiteto e Urbanista. Desvela-se nos currículos tradicionais uma impressionante compartimentação, ahistoricidade, dessocialização e descontextualização dos conteúdos. O trabalho curricular deve primar pela inserção dos conhecimentos e habilidades na realidade do aluno.

***Marcos 8-** Tomando como definição para linguagem a forma de expressão própria de um indivíduo ou grupo. Como você descreveria a linguagem utilizada por você em seus projetos arquitetônicos? já utilizou modelos? Quais? Cite algum exemplo? Ocorre por diferentes tipologias?*

Depois de muitos anos de prática profissional, decidi ter um certo afastamento das fronteiras tradicionais da arquitetura para buscar uma arquitetura que fosse plenamente percebida e vivenciada pela maioria das pessoas. Dediquei-me a estudar as necessidades de pessoas com deficiências físicas, principalmente as com visão subnormal, passando a valorizar aspectos arquitetônicos que estão latentes na arquitetura tradicional, mas que não são valorizados, como a textura, iluminação e cor, elementos imprescindíveis para a percepção dos espaços para as pessoas com visão subnormal.

Dei-me conta de que por muitos anos, durante minha vida acadêmica e depois na vida profissional, aprendi que o planejamento dos espaços construídos eram direcionados por elementos puramente visuais, como a perspectiva, forma, dimensões e cor. Criamos, em nome da arquitetura, elementos que, apesar de estética e funcionalmente corretos, se tornavam obstáculos para determinadas pessoas.

Aprendi que as pessoas com problemas visuais percebem o espaço de uma maneira diferente, e que não exigem uma arquitetura diferente, mas que os elementos que possam se tornar obstáculos para ele sejam convenientemente destacados e/ou sinalizados, através da

iluminação, cor e textura. Elas devem ter condições de detectar as barreiras arquitetônicas, urbanísticas e lumínicas que criamos nos ambientes que criamos.

Valorizando esses aspectos da arquitetura, não estamos criando uma "arquitetura para pessoas especiais", mas sim enriquecendo, com aspectos até então pouco valorizados, os ambientes, que se serão percebidos por pessoas com deficiências, o serão mais por pessoas normais.

***Marcos 9-** Após todas etapas concluídas, como se dá sua técnica de projeto? Em que momento acontecem as verificações sobre o tema? Quanto à questão da preocupação científica: técnica-material aliada à criatividade e desempenho financeiro?*

O projeto se define completamente ao se conseguir uma harmonia entre os desejos e necessidades do cliente, com a solução proposta, materiais a serem utilizados, coerência com os aspectos legais e de implantação, e os aspectos financeiros.

***Marcos 10-** Um memorial descritivo acompanha o projeto? O memorial é figurativo ou descritivo?*

O memorial descritivo creio que é imprescindível como complemento a uma obra, pois representa, mais do que a descrição dos elementos do projeto (que segundo sua característica, pode ser todo contido nas pranchas e elementos gráficos), a filosofia adotada para o desenvolvimento do trabalho.

***Marcos 11-** Antes de iniciar uma proposta e explicá-la ao cliente, em que consiste o seu trabalho, como ele será apresentado, quanto tempo levará sua entrega e quanto custará?*

O trabalho preliminar consiste em se aprofundar o estudo do tema do projeto, para se ter argumentos para discutir com o cliente. O tempo de entrega é relativo a complexidade do projeto, e seu custo também, sempre sendo determinado por tabelas oficiais, como as do Instituto de Arquitetos, e sujeito à apreciação do cliente.

Marcos 12- Descreva brevemente um pouco de sua história profissional como arquiteto, tais como; cursos, concursos, se atualmente atua na área acadêmica ou diretamente no mercado da construção?

Minha visão de mundo, da ciência e da arquitetura, são representados por alguns breves comentários sobre determinados momentos da minha vida profissional que contribuíram de forma decisiva para moldar a forma como contemplo o mundo.

Em janeiro de 1972, recém formada, em meio ao sonho de vir a criar belos e imponentes edifícios modernistas, trabalhei durante um ano na Prefeitura de Rio Grande/RS, minha cidade natal, como arquiteto. As crenças modernistas começaram a ficar abaladas pela revisão do Plano Diretor de Rio Grande, cujo teor não possuía a conscientização sobre os problemas ambientais existentes, mas que já eram latentes. Entre outros fatores, percebe-se que a cidade do Rio Grande, em face da sua fase de urbanização, não atingia o estágio onde aparecem, de forma mais evidente, os inevitáveis confrontos entre o meio natural e o crescimento urbano, quando não harmonizados. Hoje esta harmonia necessária está integrada à consciência coletiva e deve ser materializada a todo custo, sob pena de chegar-se à alienação completa do homem em relação à natureza, que, com sua deteriorização, acabaria condenando-o à aridez dos desertos de concreto e causando-lhes danos irreparáveis à saúde física e psíquica.

Em 1974, como arquiteta da Fundação Universidade do Rio Grande, me vi desafiada pelo planejamento e construção de um Campus Universitário, enfrentando a resistência dos usuários das unidades que ocupavam prédios adaptados em colaborar com a elaboração dos projetos dos novos edifícios a serem construídos no campus da universidade. Conseguimos vencer essa resistência, e hoje podemos contemplar o Campus Carreiros e suas construções espalhadas nos 250 ha de área verde.

Paralelamente a estas atividades, até 1989, exerci a profissão como profissional liberal, executando os mais diferentes tipos de edifícios, mas que foi suspensa como opção pela dedicação exclusiva ao ensino e, alguns anos mais tarde, a cursar o mestrado e doutorado em conforto ambiental. Atualmente, desde 1996, quando me aposentei da FURG, passei a trabalhar na Universidade Católica de Pelotas/RS, como professora do Curso de Arquitetura, nas disciplinas de Conforto Ambiental, além de trabalhar no Escritório Modelo, como arquiteta para projetos dos edifícios acadêmicos.

Estive afastada desde 1997 até 2002 para o curso de doutorado, na Universidad Politécnica de Madrid, onde desenvolvi a tese "A Iluminação dos espaços como parâmetro de acessibilidade para pessoas com visão subnormal". Atualmente dedico-me a pesquisar na área de acessibilidade, tentando definir critérios para que os edifícios possam ser mais acessíveis a pessoas portadoras de deficiências. A decisão de um certo afastamento das fronteiras tradicionais da arquitetura para buscar na iluminação dos ambientes construídos, contribuiu para uma maior compreensão e aceitação da riqueza dos múltiplos valores dos usuários dos edifícios. O conhecimento acumulado durante o curso de doutorado foi decisivo para descortinar novos horizontes para a compreensão do ambiente construído, especialmente os edifícios públicos, compartilhando sentimentos e desejos com os usuários com deficiências.